

dos senhores, pelo menos lhes darão parte dos elementos do seu espírito e os seus professores, principalmente os das clínicas e outras cadeiras de aplicação, logo darão conta da existência dessas qualidades.»

A. CELESTINO DA COSTA.

— Professor da Faculdade de Medicina de Lisboa —
(Em «Ensino Superior e Investigação Científica», conferência realizada em 5 de Fevereiro de 1945 na Escola Superior de Medicina Veterinária, por iniciativa dos Estudantes daquele Estabelecimento de Ensino, e publicada posteriormente pelo Centro Bibliográfico).

★

SOBRE PLANOS DE ENSINO

«E tocamos em um dos pontos cruciais de toda a organização escolar. Deve esta continuar a ser elaborada em função do ensino, que se exige vasto e esgotante, ou, pelo contrário, deve considerar-se o ensino não como valor primário, mas possibilidade de resposta que, para ter sentido, exige primeiramente o acordar da actividade interrogante, que só a aprendizagem desperta? Apesar da reforma coperniciana que se diz ter sofrido a escola, tudo continua ptolomaicamente à volta de interesses, sem dúvida compreensíveis, mas também sem dúvida injustificáveis, de planos de ensino elaborados extrinsecamente e apenas tomando conta de exigências futuras da sociedade, e quase nunca daqueles interesses vivos e radicados no próprio escolar. Não é possível hoje, que conhecemos com aparente suficiência os níveis de evolução mental da criança, seus limites e possibilidades, continuarmos a impor planos de estudo elaborados empiricamente e provenientes de épocas em que esse conhecimento era muito menos fundamentado. Que interessa, de facto, ensinar muito, propor planos de ensino organizados logicamente, calculados administrativamente, regulados horariamente, se a capacidade de aprendizagem dos alunos não coincide nem qualitativamente com os interesses predominantes do escolar na fase em que se exigem, nem quantitativamente são coincidentes com a capacidade de apreensão de que o aluno é capaz? As boas reformas não se fazem pela boa elaboração de programas, mas resultam do bom conhecimento da evolução psicogenética do escolar. De outro modo, chegamos à triste conclusão de que quanto melhor for a organização estatuida do ensino pior será o seu rendimento como aprendizagem. Do ensino só se aproveita realmente o que se aprende, e sabemos que nem tudo se aprende, ou só aparentemente se aprende, para satisfazer exigências de pseudo-aproveitamento que não beneficia ninguém; conviria, pois, que os planos fossem elaborados em função da aprendizagem possível e não do ensino forçadamente imposto.»

DELFIN SANTOS.

— Professor da Faculdade de Letras de Lisboa —
(Em «Formação escolar e formação profissional», separata de *O Médico*, n.º 34 — 1952).

A FORMAÇÃO DAS ELITES

«A formação das elites é um problema ligado não apenas ao ensino superior mas a todos os graus do ensino. Logo o ensino primário deve ser, mais do que ensinar a ler, escrever e contar, uma sondagem das aptidões porque é nesse desabrochar da vida que os dons espirituais se revelam, particularmente para a Literatura e para as Artes, como a Música, o Desenho, a Pintura e a Modelação, como ainda para algumas ciências como as Matemáticas. Quantas vocações se perdem só porque não foram reconhecidas na idade em que deviam ser aproveitadas para uma iniciação e orientação educativas que poderiam conduzir a um brilhante destino ou pelo menos ser uma fonte de nobre diletantismo e preparar horas de bela emoção na vida!

A educação secundária, com a orientação quase exclusiva de ensino das ciências e desprezo da educação da sensibilidade e da moral — acumula conhecimentos, leis, fórmulas e números, dirigindo-se mais à memória que à inteligência. Não é a mais propícia para a formação do espírito crítico, nem revela a origem histórica dos conhecimentos, nem prepara a inteligência para a arte de compreender a essência das coisas que é a base de julgar a escala de valores. Se há lacuna grave na mentalidade habitual dos portugueses é a sua falta de espírito crítico, que os impede, com raras excepções, de saber julgar com independência os homens e os factos, e os levam, com uma lamentável frequência, à incompreensão e à deturpação das ideias. O português confunde a esperteza com a inteligência; por isso é mais frequentemente sofista que homem de bom juízo. Ora o juízo crítico baseia-se, não apenas no sentimento inato da justiça, mas na educação pelo exemplo, na análise da origem das descobertas e no valor das verdades científicas, das suas evolução e renovação. O professor educa, mais pela forma como julga do que pela quantidade de conhecimentos que ministra. As elites preparam-se por exemplos de amplitude na compreensão das ideias e independência e dignidade no julgar. A ambição do ensino secundário não pode ser, evidentemente, fazer de cada aluno um espírito de elite, mas fazer desabrochar, nos particularmente dotados, gérmenes de larga visão criadora e independência de espírito. E não esqueçamos (como já tenho dito) que a independência de espírito mais difícil de alcançar não é em relação aos outros, mas em relação a si mesmo, vencendo as próprias paixões, ressentimentos, facciosismos e invejas!

No ensino superior, apesar dos desperdícios e erros de educação que os graus preparatórios tenham gerado, poder-se-ia ainda salvar os melhores e fazer a conversão dos de maior riqueza espiritual. Educação superior não é apenas preparação profissional, mas missão de formar espíritos superiores. Mas, então, é mais uma vez o exemplo da maneira de pensar, analisar e julgar os problemas que modela a inteligência dos alunos e eleva os de dotes excepcionais a um nível